

## SUJEITOS À DERIVA

*O ciclo está fechado. Ele se fechou por uma série de encaixes de metades que se ajustam umas às outras. Como se toda esta longa e complexa história de criança ao mesmo tempo exilada e fugindo da profecia, exilada por causa da profecia, tivesse sido quebrada em dois, e em seguida, cada fragmento partido de novo em dois, e todos esses fragmentos repartidos em mãos diferentes.*

Foucault

A técnica de unir as metades separadas para se reconstituir a história de Édipo apóia-se, segundo Foucault, no *símbolo grego*, considerado não apenas como forma retórica, mas religiosa e política. O *símbolo* consiste no exercício de poder que permite à pessoa que detém um determinado segredo quebrar um objeto qualquer em duas metades, guardar uma das partes e confiar a outra a alguém que deverá guardá-la para atestar a sua autenticidade.<sup>1</sup>

Em Édipo, a grande ilusão do saber foi justamente ter-se considerado sábio ao decifrar o enigma proposto pela esfinge. Essa sabedoria, antes legitimada pelo teor racional e lógico da resposta, desfaz-se pela força do impensável, do significante que transita na ordem inconsciente da linguagem. Dois discursos, duas famílias, duas metades da peça quebrada e dois Édipos habitam o espaço ambivalente e escorregadio da trama do destino aí traçado. O saber, respaldado pelo poder, cega Édipo para a visão do outro pólo do enigma, o seu desconhecimento. Dotado de uma memória falsa do passado, é através da reunião das metades partidas de sua história pessoal que se restaura o objeto dividido em fragmentos,

---

<sup>1</sup> Cf. FOUCAULT. *A verdade e as formas jurídicas*.

recompondo-se o fio do destino. Édipo desenreda o laço e rompe com o cordão umbilical que o prendia à ordem materna, contemplando-se enquanto sujeito fraturado e agora submetido a outra ordem.

A tragédia de Édipo representa, para a psicanálise, a descoberta do *complexo de Édipo*, conceito operatório que Freud retira da ficção e de sua experiência pessoal. Leituras posteriores, como a de Lacan, acrescentam que o sujeito, ao se reconhecer integrante da Lei e ameaçado pelo Outro, penetra na ordem do simbólico e da linguagem, e tem-se aí o Édipo, marcado pela falta e pela quebra de uma ilusória identidade.

Nesta terceira parte do *Memorial* aproprio-me da história de Édipo, assim como da idéia de símbolo explorada por Foucault, enquanto estratégia retórica e com o objetivo de aglutinar uma série de relações. Apóio-me igualmente no meu trabalho "O enigma em *Édipo Rei*", apresentado em 1984 no "1º Congresso Nacional de Estudos Clássicos", e escolhido como texto gerador de múltiplas articulações conceituais que serão repensadas nas minhas atuais pesquisas. Esse trabalho é, ainda, o resultado do curso sobre Édipo, ministrado na Pós-Graduação em Letras, em 1983. Nesse curso tive a oportunidade de estudar com os alunos o mito, o ritual e a tragédia de Édipo, à luz de várias perspectivas analíticas, incluindo a *Poética* de Aristóteles, o discurso filosófico mais recente, além do antropológico, do político e do psicanalítico. Escolhidos alguns textos representativos dessas diferentes disciplinas, examinamos os limites e aberturas apontados em cada visão crítica. Em época anterior havia assistido, na PUC/RJ, ao curso de Foucault, "A Verdade e as Formas Jurídicas", em que o filósofo apresentou a leitura política de *Édipo Rei*. Desde então esse texto de Foucault passou a ser leitura obrigatória nos meus cursos e o considero, até hoje, uma das mais instigantes análises do tema.

A utilização irônica do *símbolo grego* como recurso metalingüístico retoma a metáfora do vaso quebrado, empregada no primeiro capítulo deste *Memorial*, mas enquanto reconstrução imaginária do passado, cujos fragmentos jamais serão recompostos na íntegra. Essa incapacidade de restauração vincula-se ao caráter

multifacetado do sujeito, que aspira em vão ao resgate dos cacos quebrados de sua individualidade. A rigor, o ciclo deste texto nunca se fecha, embora persista o desejo de formalizar, com certa dose de coerência, o relato do vivido. Estamos sempre à cata de um fio condutor, de uma idéia comum, de um *leitmotiv* que transforme o precário em perene e o fugidio em algo captável. Guiada pelos princípios de Eros e Tânatos, a escrita desliza entre a ânsia de totalidade e a reunião dos fragmentos da lembrança, embora ciente de que o ato de escrever obedece à ordenação simulada dos fatos.

Amplia-se, dessa forma, a metáfora de Édipo para a articulação de conceitos que se reduplicam em torno da categoria do sujeito, alvo teórico dos meus textos e reflexões produzidos desde a realização da tese de Doutorado. Tratam-se de questões ligadas à enunciação discursiva, à escrita, à autoria e à biografia literária. Esse movimento conceitual caminha ao lado de uma prática interdisciplinar — o intercâmbio operado pela teoria da literatura e outros discursos, além dos desdobramentos verificados nessa relação.

## FRICÇÕES FREUDIANAS

O meu contato com a psicanálise, iniciado nos anos 70, no Brasil, teve prosseguimento na França, durante o curso de Doutorado. Em 1983, de volta ao Brasil, tive a oportunidade de participar do debate sobre *Ficções Freudianas*, de Mannoni, por ocasião do lançamento de sua tradução brasileira.<sup>2</sup> Considero de extrema importância a leitura desse texto, por se tratar de um livro que combina ficção e teoria, além de ser escrito por um psicanalista. Concebido sob forte influência de Borges, *Ficções Freudianas* problematiza o caráter inventivo da teoria psicanalítica, constituindo-se de cartas de alguns pacientes de Freud que se

---

<sup>2</sup> Cf. SOUZA. *Meias-verdades ou verdade e meia?*